



O PÊSSEGO COMO OPÇÃO DE DIVERSIFICAÇÃO NO DESENVOLVIMENTO DA REGIÃO CENTRAL SERRANA DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

Maria Elizabete Oliveira Abaurre¹; Rosana Maria Altoé Borel¹

¹Incaper, BR 262, Km 94, 29375-000 Venda Nova do Imigrante - ES, bete@incaper.es.gov.br,
rosanaborel@incaper.es.gov.br

INTRODUÇÃO

Dentre os objetivos fundamentais do desenvolvimento regional está o aproveitamento dos recursos e potencialidades endógenos das regiões. Neste sentido, a fruticultura tem sido uma excelente opção de diversificação para a agropecuária do Estado do Espírito Santo, desde o início da década de 60, com a introdução da bananicultura, lavouras de abacaxi na região sul e de fruteiras de clima temperado na região Centro Serrana. Esta atividade torna-se possível em função das condições agroclimáticas distintas observadas nestas regiões.

Atualmente as pequenas propriedades (cerca de 80% na região serrana), devido à limitação de área, necessitam desenvolver atividades que possibilitem maior retorno econômico. E dentre as alternativas possíveis, a fruticultura tem mostrado viabilidade econômica para essas propriedades, nas quais os cultivos tradicionais não garantem mais condições de renda. A fruticultura representa um fator de desenvolvimento pela possibilidade de agregação de valor por área e pela possibilidade de transformação da produção. Além disso, é uma atividade que demanda grande quantidade e especificidade de mão-de-obra, tendo um papel importante na geração de emprego e renda no campo.

A fruticultura tem gerado ainda oportunidades de negócios no Espírito Santo, onde novas atividades econômicas rentáveis na prestação de serviços, na assistência técnica e na inovação tecnológica dão origem a um importante parque agroindustrial que registra a presença de várias empresas localizadas em Linhares: a Suco Mais, a Trop Frutas do Brasil e a Ducoco. Existe ainda uma série de pequenas indústrias que processam a fruta na forma congelada, destinando a produção aos mercados regionais (SEAG/INCAPER, 2007).

A fruticultura é um dos setores da economia capixaba que apresenta grande potencial de crescimento em razão da elevada demanda no mercado nacional e internacional por frutas para o consumo 'in natura' e industrializadas.



XX Congresso Brasileiro de Fruticultura
54th Annual Meeting of the Interamerican Society for Tropical Horticulture
12 a 17 de Outubro de 2008 - Centro de Convenções – Vitória/ES

A organização da cadeia produtiva da fruticultura e o surgimento dos arranjos produtivos locais evoluíram com as ações de fomento, pesquisa, assistência técnica e extensão rural. Uma estratégia que vem sendo adotada para expandir a fruticultura no Estado é a organização dos arranjos produtivos na forma de pólos. Esta organização tem sido uma forma eficiente de conduzir e potencializar a produção de frutas, fortalecendo o setor pela maior representatividade, pelas ações de capacitação e pelo potencial de superação dos pontos críticos, possibilitando uma maior garantia de fornecimento contínuo do produto. Assim sendo, já estão implantados os pólos de Morango, Uva, Manga, Maracujá, Goiaba e de Pêssego, este em fase de estruturação.

A produção brasileira de pêssegos, no ano de 2005, foi de 235.471 toneladas correspondentes a apenas 1,5% da produção mundial (IBGE, 2005). Vale ressaltar que a nossa produção é insuficiente para atender à demanda do mercado interno, acarretando a importação de 12.000 toneladas de pêssego, em média, todos os anos.

Atualmente no Brasil, o pessegueiro ocupa uma área ao redor de 30.000 hectares, dos quais mais de 70% se concentra no Rio Grande do Sul. Outros produtores são os Estados de São Paulo, Santa Catarina, Paraná e Minas Gerais. A produção se destina tanto para o consumo *in natura* como para o processamento industrial (MEDEIROS; RASEIRA, 1998).

Sendo uma espécie típica de clima temperado, o pessegueiro exige um período de frio, com temperaturas abaixo de 7,2°C, para que ocorra a quebra de dormência de suas gemas. Essa exigência varia segundo a variedade, oscilando entre 100 e 1000 horas, sendo que para a maioria delas está entre 300 e 500 horas. Atualmente existem variedades que necessitam de menos de 100 horas de frio, como as lançadas pelo Instituto Agrônomo de Campinas (BARBOSA et al., 1997). A Região Serrana do Estado do Espírito Santo com altitudes que variam de 500 a 1150 m apresenta-se apta para o cultivo destas variedades.

No Espírito Santo a área plantada atualmente é de 50 ha, embora o estado apresente áreas aptas para o cultivo de acordo com o Zoneamento Agrícola do Estado do Espírito Santo. Estima-se que 90% dos pêssegos consumidos no Estado são provenientes dos Estados do Sul do País, do Chile e da Argentina. Com a instalação da Trop Frutas do Brasil, indústria de processamento de polpa, a área cultivada com frutas, entre elas o pêssego, deverá se expandir, uma vez que esta indústria vai requerer um volume de 12 mil toneladas/ano de matéria prima, o que corresponde a uma área plantada de 500 ha de pêssego.

Além da necessidade de suprir a demanda de matéria prima para a indústria, o cultivo de pêssego pode estar associado à agroindústria artesanal e ao agroturismo regional, contribuindo para a melhoria da qualidade de vida no campo, com conseqüente aumento da



renda dos agricultores familiares. A utilização de matéria prima própria e da mão-de-obra essencialmente familiar na elaboração dos produtos do agroturismo permite reduzir em muito os custos operacionais da atividade.

O presente trabalho teve como objetivo introduzir variedades de pêsego com menor exigência de frio como alternativa para a diversificação do agronegócio e geração de emprego e renda para o pequeno produtor rural de base familiar da Região Central Serrana do Espírito Santo.

METODOLOGIA

Considerando a importância da cultura do pêsego, nesse novo cenário, a Seag e o Incaper estão adotando como estratégia para a expansão de lavouras comerciais, a instalação de Unidades de Observação com seis diferentes variedades de pêsego, com menor exigência de frio, em 28 municípios capixabas que apresentam potencial para implantação da cultura de acordo com o zoneamento agroclimático do estado do Espírito Santo.

Para avaliação e caracterização dos materiais genéticos foram introduzidas seis cultivares de pêsego: Aurora I e II, Dourado I e II, Dourado e Régis; originárias do programa de melhoramento genético desenvolvido no Instituto Agrônomo de Campinas (IAC), no Estado de São Paulo.

REPERCUSSÃO E IMPACTOS DA INTRODUÇÃO DOS GENÓTIPOS DE PÊSEGO

As Unidades de Observação foram implantadas nos seguintes municípios selecionados: Afonso Cláudio, Alegre, Alfredo Chaves, Apicá, Bom Jesus do Norte, Brejetuba, Castelo, Conceição do Castelo, Divino de São Lourenço, Domingos Martins, Dores do Rio Preto, Guaçuí, Ibatiba, Ibitirama, Irupi, Itarana, Iúna, Marechal Floriano, Mimoso do Sul, Muniz Freire, Santa Leopoldina, Santa Maria de Jetibá, Santa Teresa, São José do Calçado, Vargem Alta, Venda Nova do Imigrante, Pedro Canário, Faz. Exp. de Pacotuba (Cachoeiro de Itapemirim).

As Unidades foram instaladas em pequenas propriedades, com altitudes que variam de 300 m a 1100 m, o que possibilita a análise da adaptabilidade dos diferentes genótipos nos microclimas de cada localidade, por meio de avaliações como vigor vegetativo, incidência de pragas e doenças, épocas de brotação, início da floração, diâmetro do tronco a 20,0 cm e diâmetro da copa.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A introdução destas variedades de pêssego com menor exigência em frio está possibilitando a inserção de novos agricultores na produção frutícola, com respectivo aumento da área plantada nos municípios com aptidão. Tem havido demandas crescentes, por parte dos produtores, por mudas de pêssego nos municípios com Unidades implantadas.

A possibilidade de diversificação da propriedade e conseqüente aumento da renda auferida pelos agricultores familiares, por intermédio da agregação de valor e incremento das atividades da agroindústria artesanal e do agroturismo, tem sido um fator de crescimento da atividade na região.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, W.; OJIMA, M.; CAMPO-DALL'ORTO, F. A.; RIGITANO, O.; MARTINS, F. P.; SANTOS, R. R.; CASTRO, J. L. **Melhoramento do pessegueiro para regiões de clima subtropical-temperado**: realizações do Instituto Agrônomo no período de 1950 a 1990. Campinas: Instituto Agrônomo, 1997. 22 p. (Documentos IAC, 52);

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Sistema IBGE de Recuperação Automática – SIDRA**. 2007. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 05 jun. 2007.

MEDEIROS, C. A. B.; RASEIRA, M. C. B. **A cultura do pessegueiro**. Brasília: Embrapa - SPI, 1998. 350 p.

SEAG/INCAPER. **Plano Estratégico de Desenvolvimento da Agricultura Capixaba, 2007**. 2008. Disponível em: <<http://www.incaper.es.gov.br/novopedagog>>. Acesso em: 12 ago. 2008.